

SARAMAGO, José. **Último Caderno de Lanzarote** – o diário do ano do Nobel. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Todas as Vozes de Saramago

Jean Pierre CHAUVIN¹

<http://dx.doi.org/10.21165/gel.v18i2.3115>

É quase uma ousadia discorrer sobre o diário póstumo de alguém que era tão afeito às palavras como habilidoso no emprego delas. De todo modo, talvez valha a pena correr o risco, em se tratando de José Saramago. Começemos. Diante de um volume que é relativamente extenso (trezentas e uma páginas) e contém temas os mais variados, há que se pensar numa estratégia que permita puxar alguns fios com vistas a que o convite à leitura seja mais eficaz. Dessa forma, *o que dizer e como dizer algo sobre o Último Caderno de Lanzarote?* Porventura, o melhor caminho consista em elencar alguns dentre os temas mais recorrentes do *Caderno*.

Evidentemente, aqui entram os critérios do resenhista, o seu alinhamento ideológico com o que dizia o escritor – pois o gênero recomenda que se proponha uma síntese. Certamente não dará conta do que vai no livro; mas pode servir como contato prévio com a obra. Arrisque-se uma máxima: certos relatos do *Caderno* podem recarregar nossa cota de sensibilidade: “O meu pinheiro, apenas três palmos mais alto do que eu, estava a precisar de uma ajuda. [...] Empurrei a árvore contra o vento para que ficasse aprumada, ajustei a escora por baixo do ramo que utilizara na primeira tentativa, não havia dúvida a inclinação da tampa era perfeita” (SARAMAGO, 2018, p. 20).

No livro, há temas mais frequentes do que outros; e quase todos desvelam a face humanitária do escritor, com seu propósito de instrumentalizar o engajamento de quem o lia. Destaquemos alguns deles, a fim de balizar estas impressões de leitura: 1. A política neoliberal; 2. O comportamento dos homens; 3. A palavra de outros prosadores, articulistas e críticos; 4. As cartas dos leitores; 5. As impressões próprias e alheias sobre *Todos os Nomes* (e de outras obras que José Saramago escreveu). Dispostos os assuntos, passemos alguns deles em revista, ilustrando-os com excertos do diário.

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; tupiano@usp.br; <http://orcid.org/0000-0001-9514-109X>

Os leitores tendem a alimentar sua curiosidade por saber o *que* e *quanto* haveria do escritor *nas* figuras que criou e narrativas que inventou. Nas entrevistas que transcreveu para o *Caderno*, há momentos em que Saramago disserta sobre a própria escrita e as premissas que o mobilizavam: “[...] alguém do jornal *El Mundo* telefonou a perguntar-me que coisas ou pessoas acusaria eu neste tempo em que vivemos. Respondi que denunciaria [...] o poder económico e financeiro transnacional que anda a fazer de nós o que quer” (*Ibidem*, p. 33).

O cronista-diarista resvala no ensaísta, como se percebe na entrada de 31 de maio, onde sugere que o cavaleiro Don Quijote seria uma criação consciente da personagem-matriz Alonso Quijano e funcionaria mais ou menos como os heterônimos inventados por Fernando Pessoa. A determinada altura, Saramago relembra que a voz de quem escreve não deve ser confundida com a das personagens, como se vê nesta resposta durante entrevista: “Essa afirmação é feita por uma das personagens do romance [*Todos os Nomes*], não por mim...” (*Ibidem*, p. 206). Esses e outros dados reiteram que não há discurso que não resulte de artifícios. Isso pode ser confirmado nos livros que reúnem longas entrevistas que ele concedeu em 1998 – o de Carlos Reis (*Diálogos com José Saramago*) e Juan Arias (*José Saramago: o amor possível*).

Nos registros do diário, constatamos que, para o escritor português, a literatura é maquinação, mas, sobretudo, pretexto para a reflexão. Isso permitiria aproximá-lo de pensadores-romancistas, como foram Jean Paul Sartre e Albert Camus. Assim como eles, José Saramago tinha plena consciência do tempo e lugar em que vivia: “[...] o problema central deste tempo em que estamos já não é a ‘cultura integral do indivíduo’, mas a liberalização do comércio mundial” (*Ibidem*, p. 92-93).

Isso nos interessa grandemente porque o método de composição (conveniente com a forma do diário) favorecia a que José Saramago prosseguisse em sua cruzada contra a subserviência de Portugal às potências da Europa e às diretrizes dos Estados Unidos, em meio à falsa harmonia neoliberal: “Um país inferior economicamente e politicamente subalterno, como é o caso de Portugal, sempre haverá de correr maiores e mais graves riscos que outros seus ‘parceiros’ bafejados pela história, pela geografia e pela fortuna” (*Ibidem*, p. 140).

Evidentemente, o sintoma das perdas é mais acentuado nos países caudatários de outros, como demonstram os massacres que aconteceram em Chiapas, no México: “‘Sobram cinco milhões de camponeses’, disse ele [Hank González]. Este é o problema que o neoliberalismo triunfante quer resolver de modo radical: fazer desaparecer aos poucos [...], retirando-lhes ou negando-lhes condições mínimas de vida” (*Ibidem*, p. 40).

Como sabemos, o escritor nunca se calou diante do cinismo de quem manda em quem, amparado da lei que mata, porque estava consciente de como funcionavam as “táticas do poder económico e do poder político seu serventuário” (Ibidem, p. 115).

José Saramago desconstruía falácias e fornecia antídotos para nos conscientizar sobre as desigualdades socioeconômicas; estimular a solidariedade entre os homens (e a destes para com os animais); propor a sublevação contínua contra o discurso liso, asséptico e perfumado dos donos do poder; descrever apologias ao amor, ainda que este demorasse a chegar. Ou seja, o modo de escrever se relacionava com a dicção combativa do cronista-diarista-contista-e-romancista, que diagnosticava o declínio da civilização: “[...] tenho dito que não sou romancista, que sou um ensaísta falhado que escreve romances porque não sabe escrever ensaios” (Ibidem, p. 201).

A linguagem do diarista alimenta os temas, que a seu turno nutrem a expressão combativa: “A paz precisa tanto de mortos como a guerra que os fez. Os abraços de conciliação são trocados no alto de uma pirâmide de mortos, os apertos de mão sobre um rio de sangue” (Ibidem, p. 183). Objetivando também criar uma rede solidária de leitores, Saramago acentua o que dizem filósofos, críticos literários, jornalistas e pessoas que lhes enviam cartas: todos nos parecem capazes de propor achados ou de formular perguntas que demandavam respostas as mais detidas pelo escritor.

Uma amostra eloquente disso está nos diálogos sobre *Todos os Nomes* – uma das narrativas mais tocantes que concebeu. Na carta em resposta a Cleonice Berardinelli, lemos o seguinte: “Diz-me que na opinião do Eduardo Lourenço, estes *Todos os Nomes* são o meu melhor livro. Achando também eu que assim é, parece que deveria alegrar-me um juízo de que, aliás, a minha querida amiga não está muito longe” (Ibidem, p. 162).

Duas palavras sobre o engajamento do autor. Uma das crônicas mais instigantes do *Último Caderno* é a de 23 de janeiro de 1998. Nela, Saramago contrapõe dois artigos publicados no jornal *El País*, e endossa a reflexão de Augusto Klappenbach, “professor de filosofia de *bachillerato*”, quando observava, na edição da véspera, que: “[...] o mercado goza do privilégio de exercer o poder subtraindo-se por completo à vontade dos cidadãos”. Por isso mesmo, “A diluição do Estado não supõe a abertura de maiores espaços de liberdade, mas sim o deslocamento do poder para zonas cada vez mais opacas” (Ibidem, p. 42-43).

Em 30 de agosto, topamos com uma notável síntese, em resposta à questão lançada pelo repórter do jornal *Liberazione* – “Qual é a sua opinião sobre a Europa pós-Maastricht?”. Como esperado, Saramago não titubeia: “A mesma Europa que gastou séculos e séculos para conseguir formar cidadãos, só precisou de vinte anos para transformá-los em clientes” (Ibidem, p. 207).

- | Último Caderno de Lanzarote – o diário do ano do Nobel (resenha)

Colaborando em desfazer certo pendão biografista (comum a leitores ingênuos e a parte considerável da crítica especializada), o autor evidencia que José é um nome comum a sugerir que o protagonista de *Todos os Nomes* é simples e humilde. Além disso, o “Sr. José” não se confundiria com o *autor* José porque os seus pequenos (ou grandes) modos de agir não se vinculavam à trajetória pessoal de Saramago. Obviamente, nada impede que os leitores reconheçam as pequenas e grandes decisões do protagonista que também caberiam a nós. Por sinal, a motivação do modesto sujeito que trabalha (e reside) na Conservatória é muito poderosa. Teríamos nós competência para mensurar a importância dos pequenos-grandes gestos do escriturário José?

O segundo romance mais referido no diário é *Ensaio sobre a Cegueira* (ao mencioná-lo, transparece a resistência inicial do romancista em ceder o enredo para a indústria cinematográfica...). Isso não impede a menção pontual a outras obras (*Objecto Quase*, *Manual de Pintura e Caligrafia*, *Levantado do Chão*, *Memorial do Convento*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, *A Jangada de Pedra*, *História do Cerco de Lisboa*, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* etc.). Curiosamente, as raras referências ao prêmio Nobel começam pouco antes da metade do livro e chegam de fora, como se lê nesta nota registrada em 8 de outubro: “Aeroporto de Frankfurt. Prêmio Nobel. A hospedeira. Tereza Cruz. Entrevistas” (Ibidem, p. 220).

Uma das impressões mais fortes provocadas pelo *Último Caderno de Lanzarote* é que o mundo de então parecia mais coerente que o país onde Saramago vivera até 1992, antes de se mudar para o território espanhol. Ainda no capítulo das homenagens e censuras, em Buenos Aires, Saramago recebeu uma honraria da cidade; em Mafra, arrastou-se por meses uma controvérsia de teor supostamente moral e cívico sobre a (des)autorização para que um colégio e uma rua recebessem o seu nome. O episódio ocupa várias entradas do *Caderno* e evidencia a pequenice de seus compatriotas, em evidente contraste com a acolhida do autor e sua obra em várias partes do mundo. O fato de ter recebido o prêmio Nobel é o sintoma mais eloquente de quão acanhado era o juízo de seus conterrâneos.

Para além de desvelar maniqueísmos, cumpre observar que as contradições da política, os silêncios da igreja e a hipocrisia da direita nunca o impediram de recriminar também as capitulações adotadas pela esquerda; menos ainda de atacar alguns de seus indignos representantes:

Pensa a esquerda que as suas ideias [...] de socialismo ou de social-democracia são compatíveis com a liberdade total de manobra das multinacionais e dos mercados financeiros, reduzindo o Estado a meras funções de administração

corrente e os cidadãos a consumidores e clientes, tanto mais dignos de atenção quanto mais consumirem e quanto mais docilmente se comportarem? (Ibidem, p. 218-219).

Diversos temas se distribuem entre comentários a artigos de jornal ou livros que o escritor prezava, mas também em passagens que parecia endereçar a seus leitores: “[...] a literatura não muda o mundo, mas cada vez mais vou tendo razões para acreditar que a vida de uma pessoa pode ser transformada por um simples livro” (Ibidem, p. 251). Por sinal, o volume está repleto de notas que registram afazeres diários; de impressões sobre eventos de que participou; de entrevistas que concedeu; de cartas que leu etc.

Essas variadas formas de registro admitem tanto a confissão de receios (poucos) como as provas de (muita) indignação: “Não escrevo livros para contar histórias, só. No fundo, provavelmente eu não seja um romancista. Sou um ensaísta, sou alguém que escreve ensaios com personagens” (Ibidem, p. 159). Nesse sentido, poderíamos dizer que o diarista do *Caderno* evoca o narrador, que se aproxima do ensaísta, que se irmana ao cronista, que é vizinho do contista. À sua maneira, eles amplificam todas as vozes de José Saramago.

Referências

SARAMAGO, J. **Último Caderno de Lanzarote – o diário do ano do Nobel**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

COMO CITAR ESTA RESENHA: CHAUVIN, Jean Pierre. Resenha de SARAMAGO, José. *Último Caderno de Lanzarote – o diário do ano do Nobel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. **Revista do GEL**, v. 18, n. 2, p. 213-217, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 27/03/2021 | Aceito em: 29/04/2021.
